

OXIGÊNIO

SETEMBRO 2021



NÚMERO 25

Semana de 22
no CCBB RJ



EDITORIAL

Oito exposições e uma feira de arte marcam o final do inverno e o começo da primavera: a Semana de 22, no CCBB RJ; a 34º Bienal de São Paulo; Maria Martins, Gestrudes Astlchul, Zahy Guajajara e as novas obras doadas ao MASP; a ArtRio, na Marina da Glória; Lygia Clark (1920 – 1988) 100 anos, na Pinakothek Cultural RJ; e Sophie Taeuber-Arp, na Galeria Tate Modern, em Londres. E a Oxigênio traz todas elas aos seus leitores.

No cinema, dois festivais: no MAM RJ, a 7ª edição do Dobra – Festival internacional de cinema experimental, e o FICASC – Festival internacional de cinema ambiental da Serra Catarinense.

Para os artistas, grande novidade: a chamada pública para apresentação de projetos que irão compor o novo Parque Cultural do Espírito Santo, com prêmios de até R\$ 200 mil!

Outra grande atração do mês são as comemorações dos 110 anos do Theatro Municipal - SP, com ópera multimídia, percurso sensorial, itinerância lírica e série no Youtube.

Ter um vinho na temperatura certa é uma boa pedida: confira as opções de adegas que apresentamos. Se você já tem a bebida em casa, experimente fazer um delicioso bolo de vinho.

Outra boa dica é Montreal, criativa e cheia de vida! Vale salvar para a lista de uma das possibilidades de viagem.

Boa leitura!

Foto de capa: Atualizações Traumáticas de Debret, 2019-2021, Ge Viana, coleção da artista

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaboradora: Antonella Kann

Colaboração especial: Daiana Castilho Dias

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com

ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

ÍNDICE

04

OXIGENE: De 6 a 30 de setembro, no MAM RJ, 7ª edição do *Dobra – Festival internacional de cinema experimental* reafirma a potência de invenção de novos mundos | *FICASC – Festival internacional de cinema ambiental da Serra Catarinense* chega a terceira edição, promovendo arte, cultura e informação

09

ESCULTURA: Espírito Santo anuncia abertura de novo parque cultural e convida artistas de todo o país para participar do projeto

12

SEMANA DE 22: Em mostra inédita CCBB RJ antecipa as comemorações do centenário da Semana de 22

18

TURISMO: Montreal, criativa e cheia de vida

25

ESPETÁCULO: Comemoração dos 110 anos do Theatro Municipal de São Paulo têm início este mês com ópera multimídia, percurso sensorial, itinerância lírica e série no Youtube

30

BIENAL: Bienal de São Paulo comemora 70 anos de história

36

GASTRONOMIA: Bolo de vinho é sugestão da chef Cecília Victorio para aquecer esses dias de inverno

38

BEBIDAS: 10 modelos de adegas para se inspirar

41

FEIRA: ArtRio – 11ª edição do evento acontece de 8 a 12 na Marina da Glória

45

EXPOSIÇÃO: MASP inaugura quatro exposições – Maria Martins, Gestrudes Astlchul, Zahy Guajajara e obras doadas recentemente ao museu

50

EXPOSIÇÃO: Lygia Clark (1920-1988) 100 anos

53

DIRETO DE LONDRES: A genialidade de Sophie Taeuber-Arp finalmente reverenciada no mundo da arte

DE 6 A 30 DE SETEMBRO, NO MAM RJ, 7ª EDIÇÃO
DO *DOBRA* – FESTIVAL INTERNACIONAL
DE CINEMA EXPERIMENTAL REAFIRMA A
POTÊNCIA DE INVENÇÃO DE NOVOS MUNDOS



Programa temático “Modernidade urbana – Linhas de rua, linhas de fuga”, *Ekêkauã*, Paulo Accioly

Foto: Divulgação

O Festival acontece novamente de forma online e a programação será exibida através do site www.festivaldobra.com.br

A estreita relação entre o cinema experimental e as artes visuais está ainda mais explícita na edição 2021 do festival. A programação deste ano conta com produções nacionais e internacionais, que já passaram por exposições e mostras em galerias e museus em diversos países. Todas as sessões do DOBRA são gratuitas e não exigem cadastro. Além das exhibições de nove programas de filmes, o festival inclui um curso e bate-papos online.

A chamada para a edição 2021 resultou em 1.006 inscrições de filmes provenientes de 43 países. Mais da metade dos inscritos são filmes nacionais. Esses números demonstram o fôlego dos artistas brasileiros.

A partir das inscrições, o festival selecionou 42 filmes que foram divididos em oito programas temáticos. A curadoria formada por Cristiana Miranda, Lucas Murari e Luiz Garcia identificou temas que se destacaram no trabalho dos artistas, tais como questões políticas, a busca por uma representação do espaço-cidade e do espaço-corpo, a criação de uma poética que responda à necessidade dos artistas de se manterem ativos diante do longo período pandêmico e a uma arqueologia da América Latina.

Os programas traçam um vasto panorama da produção experimental contemporânea



Programa temático “Corpos – Invocações, corporificações e projeções”, *Masisi Vermelha*, Ze Kielwagen, Marcos Serafim e Steevens Simeo

Foto: Divulgação



Programa temático “Vanguarda ou o cinema na linha da frente” *Mestres da terra*, Jan Locus

Foto: Divulgação



Programa convidado “Rituais de regeneração”, *Wasteland nº 2 Forte*, Farto, Jodie Mack

Foto: Divulgação

mundial, tendo como grande destaque a América Latina. Além de filmes da Argentina, Chile, Colômbia, Haiti, México e Uruguai, a programação também conta com representantes da Alemanha, Bélgica, Canadá, Espanha, EUA, Finlândia, França, Hong Kong, Índia, Itália, Lituânia, Reino Unido e Taiwan. A produção brasileira se destaca com uma representatividade bastante expressiva: 23 selecionados. Para reforçar os laços de solidariedade internacional, o DOBRA traz em 2021 um programa convidado que presenteia o público com curadoria que amplia a cartografia do cinema experimental.

O programa convidado foi proposto pelo curador norte-americano Steve Polta, diretor artístico da *San Francisco Cinematheque* (Cinemateca de São Francisco/EUA), diretor e curador do *CROSSROADS*, festival anual de cinema experimental produzido pela cinemateca em conjunto com o *San Francisco Museum of Modern Art*.

Consistindo em onze trabalhos apresentados no *CROSSROADS* 2019 e 2020, *“rituais de regeneração”* evoca ao mesmo tempo o tóxico e o transcendente, o violento e o sublime, enquanto contempla a paisagem psíquica contemporânea. Intimidades e delicadezas descobertas na natureza e no espaço doméstico contrastam com as brutalidades da Era do Antropoceno capitalista ao passo que mitologias de cômputo são exploradas.

Todos os nove programas estarão disponíveis a partir do site do DOBRA durante o período de realização do festival, de 6 a 30 de setembro. A programação inclui bate-

papos online entre os curadores e o público, e uma discussão sobre digitalização de filmes em película.

Nas palavras da diretora e curadora Cristiana Miranda: *“Reafirmando-se como um espaço de resistência através de uma produção experimental de qualidade, que compreende o Rio de Janeiro como uma cidade integrada no circuito internacional, o Festival DOBRA convida o público a fazer da experimentação cinematográfica uma linha de combate. Queremos outro mundo e afirmamos que um cinema experimental revolucionário, livre das convenções industriais e prolixo de invenções formais pode nos ajudar a construí-lo. Permaneceremos dobrando as margens e atravessando os limites. Afirmamos uma vez mais que os filmes importam, os encontros importam e o cinema é uma potência que imagina e constrói incessantes formas de viver.”*

SERVIÇO

DOBRA | Festival Internacional de Cinema Experimental.

Coorganização: MAM Rio

06 a 30 de setembro de 2021

Formato: online | worldwide

Ingressos: acesso gratuito

Local: www.festivaldobra.com.br

www.mam.rio/cinemateca





Still do trailer de divulgação do filme "Pureza"

FICASC – FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA AMBIENTAL DA SERRA CATARINENSE CHEGA À TERCEIRA EDIÇÃO, PROMOVENDO ARTE, CULTURA E INFORMAÇÃO

O evento, gratuito, será totalmente online e acontece entre 14 e 18 de setembro

O FICASC busca levar conhecimento e entretenimento a todo público – crianças, adultos e idosos –, proporcionando a reflexão necessária sobre assuntos socioambientais de extrema importância, através da exibição de filmes de diversos países, distribuídos entre curtas, médias e longas metragens.

Alguns filmes serão exibidos com audiodescrição, legenda descritiva e também em Língua Brasileira de

Sinais (LIBRAS), prezando pela inclusão social e dando a possibilidade de portadores de deficiência visual e auditiva curtirem o Festival. Serão liberados até cinco filmes por dia no Youtube, através do site oficial do evento. As obras ficam disponíveis por um período de 24 horas.

O FICASC cumpre quatro dos 17 objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), lançados pela Organiza-

ção das Nações Unidas (ONU) em 2015: Educação de Qualidade (4), Redução das Desigualdades (10), Cidades e Comunidades Sustentáveis (11) e Ação Contra a Mudança Global do Clima (13).

Nas duas primeiras edições do evento já foram exibidos mais de 100 filmes. Em 2021, serão exibidos aproximadamente 25 produções, das mais de 1.600 inscritas.

O FICASC também levará uma programação exclusiva ao Arquipélago dos Açores, na Ilha de São Miguel, Por-

tugal, em parceria com a Associação Cinema Sem Conflitos, Expolab (Centro de Ciência Viva) e Escola Secundária Antero de Quental.

Os alunos de escolas públicas e a comunidade local dos Açores terão sessões de cinema gratuitas presenciais entre 18 e 23 de outubro.

Informações adicionais em <https://www.ficasc.com.br/>

Still do trailer de divulgação do filme “Aurora”



Still do trailer de divulgação do filme “Los caminos de Cuba”



Still do trailer de divulgação do filme “Acima de Tudo”

Foto: Fred Rahal Mauro



Still do trailer de divulgação do filme “Mata”





Foto: Divulgação

ESPÍRITO SANTO ANUNCIA ABERTURA DE NOVO PARQUE CULTURAL E CONVIDA ARTISTAS DE TODO O PAÍS PARA PARTICIPAR DO PROJETO

Os artista selecionados receberão prêmios de até R\$ 200 mil, e as inscrições poderão ser realizadas até o dia 30 desse mês

A Residência Oficial do Governador do Espírito Santo será aberta ao público, como um Parque Cultural, a partir do início de 2022. Para compor as atrações artísticas, a Secretaria da Cultura abriu uma chamada pública para artistas de todo o Brasil.

As obras selecionadas vão formar o Parque das Esculturas dentro do Parque Cultural Casa do Governador, situado na Praia da Costa, em Vila Velha, que foi a primeira capital do Estado. O espaço tem cerca de 93 mil metros quadrados, incluindo vegetação de

restinga, praia, um heliponto, a residência e um gabinete anexo.

A seleção de projetos de escultura, *site-specifics* e instalações sensoriais buscam obras que unam Arte, Tecnologia e Meio Ambiente, relacionadas com a paisagem e a arquitetura. O valor total da Chamada do Parque das Esculturas é de R\$ 1,3 milhão, variando entre R\$ 40 mil e R\$ 200 mil por obra. Ao todo, serão 15 selecionados, com obras permanentes e temporárias. As inscrições deverão ser feitas exclusivamente online até o dia 30 desse mês.

O governador do Espírito Santo, Renato Casagrande, não mora na Residência Oficial, mas utiliza a estrutura como um outro ponto de trabalho, além do Palácio Anchieta (sede oficial do Governo), no Centro de Vitória. O Estado já teve três Residências Oficiais, além do Palácio Anchieta, uma em Vila Velha, de verão, e uma em Santa Teresa, de inverno. *“Hoje em dia não podemos nos dar a esse luxo. Essa casa é pouco utilizada, mas é importante ter outros lugares de despacho, além do Palácio Anchieta. Por isso, teremos o local de trabalho preservado, mas com o espaço conciliado com o Parque Cultural. Essa união da inovação com a cultura é uma tendência mundial. Queremos compartilhar esse ambiente com todos”*, afirmou.

Já o secretário de Estado da Cultura, Fabricio Noronha, ressalta que o Governo do Estado tem a cultura como prioridade, especialmente neste momento de retomada do setor, que foi muito prejudicado pela pandemia do novo

Fotos: Divulgação





Foto: Divulgação

Coronavírus (Covid-19). *“A abertura de mais um espaço cultural é importante e muito simbólica neste momento de retomada, ainda mais com um projeto tão inovador para o circuito da arte contemporânea capixaba. Estamos empolgados em receber as propostas de intervenção e, sobretudo, de poder estimular os fazeres artísticos”*. Além da exposição permanente e de mostras temporárias, o espaço terá um anfiteatro onde serão realizados eventos culturais.

O PROJETO

O projeto do Parque Cultural Casa do Governador foi desenvolvido em parceria com o Instituto Federal do Espírito Santo e a Universidade Federal do Espírito Santo, sob coordenação da presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado (Fapes), Cristina Engel. Serão selecionados sete projetos para a exposição permanente, em duas categorias de premiação, e oito projetos para a exposição temporária, com prazo de duração de um ano.

Os projetos de escultura/instalação em escala monumental selecionados para a exposição permanente

receberão quatro prêmios de até R\$ 100 mil e três prêmios com valor de até R\$ 200 mil. No caso de projetos para exposição temporária, serão oito prêmios com valor individual de até R\$ 40 mil reais para projetos de escultura/instalação em escala monumental.

Tanto para a exposição permanente quanto para a mostra temporária, pelo menos cinco prêmios serão destinados a projetos inscritos por proponentes residentes ou sediados no Estado do Espírito Santo.

O edital se volta para a multiplicidade da produção tridimensional, desde de sua linguagem tradicional, a escultura, até proposições contemporâneas em técnicas, materiais, espacialidades, interatividades e tecnologias.

Propostas de instalações, por exemplo, podem compor um ambiente a ser percorrido pelo espectador em diversos níveis de interatividade, estimulando diálogos com a paisagem e o espaço de ocupação. Já propostas em *site-specific* podem trazer trabalhos artísticos instalativos a serem desenvolvidos para fazer sentido apenas em um determinado local.

Todos os projetos terão que se relacionar com o espaço arquitetônico e paisagístico da Residência Oficial, interagindo e se integrando no espaço.

Inscrições: <https://mapa.cultura.es.gov.br/oportunidade/165/>

Informações adicionais: (27) 3636-7111 / 99753-7583 / 99902-1627

secultjornalismo@gmail.com

comunicacao@secult.es.gov.br



EM MOSTRA INÉDITA, CCBB RJ ANTECIPA AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA SEMANA DE 22

Com curadoria de Tereza de Arruda, a exposição “Brasilidade Pós-Modernismo” lança luz às conquistas e marcos que a Semana de 22 trouxe às artes visuais do país, incluindo obras inéditas e trabalhos emblemáticos de 51 artistas brasileiros

Brasilidade Pós-Modernismo celebra o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 evidenciando os traços, reminiscências e conquistas que o movimento trouxe à arte brasileira no decorrer dos últimos 100 anos, e propondo uma reflexão, a partir da atualidade, sobre um processo de rever e reparar este contexto.

A exposição, que estará em cartaz até 22 de novembro no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro, tem o patrocínio do Banco do Brasil e realização por meio da

Núcleo Identidade: *Ex-cord*, Flávio Cerqueira, bronze com pintura eletroestática, Acervo Sérgio Carvalho
Foto: Romulo Fialdini

Lei Federal de Incentivo à Cultura, da Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo e Governo Federal.

Com curadoria de Tereza de Arruda, a mostra chama atenção para as diversas características da arte contemporânea do Brasil na atualidade, cuja existência se deve, em parte, ao legado da ousadia artística cultural proposta pelo Modernismo. Nuances que o público poderá conferir nas obras dos 51 artistas de diversas gerações que compõem o corpo da exposição.

"Essa exposição não é idealizada com o olhar histórico. Focada na atualidade, apresenta obras produzidas a partir de meados da década de 1960 até os dias de hoje, sendo algumas inéditas, ou seja, já com um distanciamento histórico dos primórdios da modernidade brasileira", explica Tereza de Arruda.

"Não é uma mostra elaborada como um ponto final, mas sim como um ponto de partida, como foi a Semana de Arte Moderna de 1922. O objetivo é propor uma discussão inovadora para atender a demanda de nosso tempo, conscientes do percurso futuro e guiados por protagonistas criadores", completa a curadora.

Organizada em seis núcleos temáticos – Liberdade, Futuro, Identidade, Natureza, Estética e Poesia–, a mostra apresenta pinturas, fotografias, desenhos, esculturas, instalações e novas mídias. Segundo Tereza de Arruda, por meio deste conjunto plural de obras, *"a Brasilidade se mostra diversificada e miscigenada, regional e cosmopolita, popular e erudita, folclórica e urbana"*.

LIBERDADE

Abrindo a exposição, o núcleo Liberdade reflete sobre as inquietações e questionamentos remanescentes do colonialismo brasileiro do período de 1530 a 1822, além de suas consequências e legado histórico. São fatores decisivos para a formação das características do contexto sociopolítico-cultural nacional, que se tornaram temas recorrentes em grande parcela da produção cultural brasileira.

Em 1922, os modernistas buscavam a ruptura dos padrões eurocentristas na cultura brasileira. Hoje, os



Núcleo Liberdade: *Voluta e Cercadura*, Adriana Varejão, óleo e gesso sobre tela, coleção da artista

Foto: Jaime Acioli

contemporâneos que integram esse núcleo – Adriana Varejão, Anna Bella Geiger, José Rufino, Rosana Paulino, Farnese de Andrade, Tunga, Ge Viana e José De

Quadros – buscam a revisão da história como ponto de partida de um diálogo horizontal, enfatizando a diversidade, a visibilidade e inclusão.

FUTURO

O grupo brasileiro da vanguarda modernista buscava o novo, o inovador, o desconhecido, de ordem construtiva e não destrutiva. E um exemplo de futuro construtor é Brasília, a capital concebida com uma ideia utópica e considerada um dos maiores êxitos do Modernismo do Brasil.



Com foco em Brasília como exemplo de utopia futurista, este núcleo reúne esboços e desenhos dos arquitetos Lina Bo Bardi, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, obra da artista Márcia Xavier, e registros captados pelo fotógrafo Joaquim Paiva e o cineasta Jorge Bodanzky.

IDENTIDADE

A busca por um perfil, uma identidade permeia a história da nação brasileira. E é partir desta busca que se forma o conjunto exibido no núcleo Identidade. As obras de Alex Flemming, Berna Reale, Camila Soato, Fábio Baroli, Flávio Cerqueira, Glauco Rodrigues e Maxwell Alexandre apresentam uma brasilidade com diversas facetas da nossa população.

"Falamos aqui do 'Brasil profundo', enfatizado já em obras literárias emblemáticas e pré-modernistas como o livro Os sertões, de Euclides da Cunha (1866-1909), publicado em 1902. Já neste período, o Brasil estava dividido em duas partes que prevalecem até hoje: o eixo Rio-São Paulo, das elites, consequência de uma economia promissora proveniente do desenvolvimento financeiro e intelectual, e consequentemente berço da Semana de Arte Moderna realizada 20 anos após esta publicação, e o sertão, desconhecido, acometido pela precariedade e desprezo de seu potencial", reflete Tereza de Arruda.

Núcleo Futuro: *Lay out*, Lina Bo Bardi, André Vainer, Marcelo Ferraz, hidrográfica, guache, grafite, nanquim, colagem, impressão, sobre papel cartão e offset, Instituto Lina Bo e P.M.Bardi



Núcleo Identidade: tríptico *Meu Matuto Predileto*, Fábio Baroli, óleo e carvão sobre tela, Acervo Sérgio Carvalho

NATUREZA

O território brasileiro é demarcado por sua vastidão, pluraridade de biomas e importância de caráter global. Neste núcleo, as obras dos artistas Armarinhos Teixeira, Caetano Dias, Gisele Camargo, Luzia Simons, Marlene Almeida, Paulo Nazareth, Rosilene Luduvico e Rodrigo Braga norteiam questões de exaltação, sustentabilidade e alerta quanto à natureza e o relacionamento do ser humano como corpo imerso no legado da "terra brasilis".

ESTÉTICA

Reunindo trabalhos de Barrão, Beatriz Milhazes, Cildo Meireles, Daniel Lie, Daiara Tukano, Delson Uchôa, Emmanuel Nassar, Ernesto Neto, Francisco Delameida, Jaider Esbell, Judith Lauand, Luiz Hermano, Mira Schendel e Nelson Leirner, este núcleo surge a partir da reflexão sobre movi-



Núcleo Natureza: *Saudade, não definido*, Rosilene Luduvico, óleo sobre tela, cortesia Rosilene Luduvico
Foto: Claraboia Imagem, Felipe Amarelo & Marcelo Gomes



Núcleo Estética: *R. Mutt*, da série *Quem é quem?*, Nelson Leirner vaso sanitário de plástico, assento de vaso sanitário acolchoado, imagem impressa e tinta, Acervo Sérgio Carvalho

mentos como o antropofágico, ação fundamental para o entendimento da essência da Brasilidade e um marco na história da arte do Brasil. Foi através dele que a identidade cultural do país foi revista e passou a ser reconhecida.

POESIA

A Semana de Arte Moderna e o movimento modernista em si pleitearam a independência linguística do português do Brasil do de Portugal. Os modernistas acreditavam que o português brasileiro haveria de ser cultuado e propagado como idioma nacional.

Neste núcleo, são exibidas obras de poesia concreta, poesia visual e apoderamento da arte escrita – a escrita como arte independente, a escrita como elemento visual autônomo, a escrita como abstração sonora – dos artistas André Azevedo, Arnaldo Antunes, Augusto de Campos, Floriano Romano, Júlio Plaza, Lenora de Barros, Rejane Cantoni e Shirley Paes Leme.

LISTA COMPLETA DE ARTISTAS

Adriana Varejão, Alex Flemming, André Azevedo, Anna Bella Geiger, Armarinhos Teixeira, Arnaldo Antunes, Augusto de Campos/Júlio Plaza, Barrão, Berna Reale, Beatriz Milhazes, Camila Soato, Caetano Dias, Cildo Meireles, Daiara Tukano, Daniel Lie, Delson Uchôa, Ernesto Neto, Emmanuel Nassar, Fábio Baroli, Farnese de Andrade, Flávio Cerqueira, Floriano Romano, Francisco de

Almeida, Ge Viana, Glauco Rodrigues, Gisele Camargo, Jaider Esbell, Joaquim Paiva, Jorge Bodansky, José De Quadros, José Rufino, Judith Lauand, Júlio Plaza, Lenora de Barros, Lina Bo Bardi, Lúcio Costa, Luiz Hermano, Luzia Simons, Márcia Xavier, Marlene Almeida, Maxwell Alexandre, Mira Schendel, Nelson Leirner, Oscar Niemeyer, Paulo Nazareth, Rejane Cantoni, Rodrigo Braga, Rosana Paulino, Rosilene Luduvico, Shirley Paes Leme e Tunga.

SERVIÇO:

Mostra coletiva “*Brasilidade Pós-Modernismo*”

Curadoria: Tereza de Arruda

Período expositivo: 1 de setembro a 22 de novembro

Local: Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB RJ

R. Primeiro de Março, 66 - Centro, Rio de Janeiro - RJ

Funcionamento: domingo, segunda e quarta (09h às 19h); quinta, sexta e sábado (09h às 20h); terça fechado

É necessário realizar agendamento prévio no site eventim.com.br

Mais informações em bb.com.br/cultura



Núcleo Liberdade: *Brasil 1500-1996*, Anna Bella Geiger, Gravura em metal, serigrafia, folha de ouro e lápis de cor, Acervo da artista



Núcleo Liberdade: *O Pão Nosso de cada dia*, Anna Bella Geiger, saco de pão e seis cartões postais, Acervo da artista

Foto: Januário Garcia

MONTREAL, CRIATIVA E CHEIA DE VIDA



Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com

Cenário para filmes, berço do Cirque do Soleil, palco para eventos e shows, Montreal se revela um destino hospitaleiro que acolhe seus visitantes com inúmeras surpresas

Nas duas viagens anteriores à maior cidade da Província de Quebec, não foi possível conhecê-la de fato, pois estávamos no inverno, quando as temperaturas fluem abaixo dos 30°C negativos e congelam desde o rio Saint Laurent até as calçadas.

Não se vê ninguém andando nas ruas já que toda a movimentação dos pedestres ocorre debaixo do asfalto, que revela sofisticadas galerias, shopping centers, restaurantes e entradas estratégicas para supermercados, estação de trem, serviços públicos, escritórios, es-

Place Jacques Cartier





tações de metrô, hotéis estrelados e comércio em geral. Na prática, uma segunda metrópole inteiramente subterrânea, com 32 quilômetros interligados para que a população tenha acesso a todas estas facilidades e, ao se enveredar por estes cruzamentos, possa viver o seu dia a dia com normalidade.

Em outras palavras, entre dezembro e março, Montreal é animada, sim, só que literalmente debaixo da espessa camada de neve. Porém, assim que desponta a primavera com condições climáticas mais amenas, estas multidões pipocam rapidamente para a superfície, deixando de lado os casacos e capuzes felpudos para poderem usufruir do lado de fora as suas estações prediletas.



E foi assim que conheci Montreal, de fato: no mês de setembro, ferendo de vida ao ar livre, acalentada por um termômetro que acusava 30°C – só que positivos!



Emoldurada pelo majestoso rio Saint Laurent, no qual se praticam os mais diversos esportes e atividades náuticas durante os meses de verão, a encantadora Montreal (cujas grafia exige que seja pronunciada com o “t” mudo) deve seu nome ao *Mont Royal*, um promontório de 233 metros de altura localizado ao norte do centro, um marco histórico de onde se desvenda uma vista panorâmica.

Compacta e de fácil entendimento, a cidade não exige muito tempo para ser explorada a pé, pois quase todos os marcos e pontos de interesse estão ao alcance de uma relaxante caminhada por um circuito alinhavado por ruelas estreitas. Muitas delas parcialmente reservadas a pedestres, como a *Rue St Paul*, recheada com lojas de designers, a *Place Jacques Cartier* e seus inúmeros restaurantes, e a agitada Chinatown com seu comércio típico.

A qualquer hora do dia, é tentador fazer uma *promenade* à beira-rio, salpicada de atrações como o *Marché Bon Secours*, uma roda gigante e o maior *zipline* urbano de toda a América.

Para qualquer público de qualquer idade, existe de tudo um pouco. Turistas dos quatro cantos do mundo se deparam em Montreal com um ambiente acolhedor e acabam seduzidos pela hospitalidade genuína dos seus habitantes, onde a jovialidade também é um atributo.

Pudera: nada menos do que quatro universidades, duas inglesas e duas francesas, justificam o imenso fluxo de jovens que escolheram esta região do Canadá para concluir os estudos. A cidade também se torna atrativa para a indústria cinematográfica que a elege como pano de fundo para sediar mais de

150 filmes por ano. Sucessos como “*O Terminal*” e “*O Curioso Caso de Benjamin Button*” são apenas alguns exemplos.

Além dos belos cenários, Montreal pode se gabar de ostentar um impressionante número de restaurantes: seis mil. Para uma cidade relativamente pequena, esse contingente gastronômico serve para salientar a importância que a culinária tem na vida dos seus 1,7 milhões de habitantes.

Embora se declare como uma metrópole multicultural, a influência francesa carimba a maioria das receitas nos cardápios, assim como a língua local oficial – mesmo se o inconfundível sotaque *québécois* e algumas de suas expressões idiomáticas ppsam se tornar incompreensíveis ocasionalmente. Deve ser por isso que não se anda 100 metros sem esbarrar num restaurante ou num café servindo suculentos croissants, ou numa confeitaria cuja vitrine expõe iguarias que se igualam a qualquer *pâtisserie* francófona.



Roda gigante



Basílica Notre Dame de Montreal



Graças ao aporte das várias etnias que migraram para lá ao longo das últimas décadas, a comida – desde o sanduíche de lagosta (*lobster roll*, de influência da Nova Inglaterra) ao prato originário da Província de Quebec, o *poutine* (batatas fritas com queijo coalho cobertos com um molho de carne), os gourmês podem eleger

sabores do mundo inteiro na hora de almoçar ou jantar. Entre especialidades japonesas, brasileiras, indianas, chinesas, tailandesas, portuguesas, mexicanas, cada *chef* se esmera para agradar a um público que aprecia a boa mesa a qualquer momento.

COMO CHEGAR:

A Air Canada (www.aircanada.com) voa direto de São Paulo para Toronto e de lá há voos diretos e regulares para Montreal.

ONDE FICAR:

L'Hotel

262 Saint Jacques Ouest – www.lhotelmontreal.com

Hotel boutique encravado em um prédio antigo que pode ser aclamado por sua localização estratégica na parte histórica conhecida como *Le Vieux Montreal*. Apenas dez minutos a pé o separam dos locais favoritos dos turistas, como a *Rue Saint Paul* e a Chinatown, ambas reservadas quase inteiramente a pedestres. Outro trunfo são suas amplas suítes silenciosas, um bom custo-benefício e um ambiente cuja decoração excêntrica atrai uma clientela eclética.

Hotel Le St-James

355 St Jacques st. – www.hotellestjames.com

Um ícone de hospitalidade, este 5 estrelas é membro da prestigiada cadeia *Leading Hotels of the World* e oferece 60

acomodações luxuosas num edifício histórico restaurado, no qual antigamente funcionava o tradicional *Merchant's Bank*. Sua localização é perfeita também para os dias mais gelados, pois está ligada internamente às facilidades e instalações subterrâneas, como lojas, salão de beleza, bares e restaurantes. Dá até para deixar o *manteau* na suíte.

ONDE COMER:

Holder

407, Mc Gill – www.restaurantholder.com

Uma *brasserie* bem ao estilo parisiense, com diversas escolhas francesas no cardápio, é um dos pontos de encontro dos locais e visitantes em geral. Barulhento como deve ser, o serviço é tão primoroso quanto os pratos recomendados. A localização é de fácil acesso e um dos endereços mais cobijados da cidade.

Tommy Café

200, Notre-Dame st. www.tommymontreal.com

Ideal para um café da manhã extremamente bem servido, ou

até para um leve almoço ou ainda para um aperitivo no final do dia, esse café tem uma atmosfera intimista e jovial, com um cardápio farto e apetitoso. Há desde todos os tipos de ovos a crepes e opções vegetarianas, e a apresentação dos pratos merece louvor. A localização também é privilegiada, a poucos minutos a pé da famosa *Place Jacques Cartier*.

O QUE FAZER:

Amphi tour, jet ski...

O rio Saint Laurent é palco para diversas atividades náuticas durante os meses de verão. O ônibus anfíbio que entra na água é muito procurado pois a experiência é única. O *jet ski* e outras embarcações mais irreverentes como o *jet boat* (que performa acrobacias em alta velocidade com passageiros a bordo) também prometem emoções para o turista que quer vivenciar de perto a correnteza das águas.

Passeios de charrete

Coloridas, as charretes puxadas por robustos cavalos ornamentam as ruas do Velho Montreal, ecoando as pesadas feraduras no asfalto das ruelas estreitas. O condutor cumpre o papel de guia e os passageiros se familiarizam rapidamente sobre a história da cidade, os pontos de interesse e monumentos típicos. As charretes ficam estacionadas na *Place d'Armes*, ao lado da Basílica Notre-Dame de Montreal.

Roda gigante

Programa (quase) obrigatório para qualquer turista (que não tenha vertigem) é dar uma volta na roda gigante que se encontra à beira do rio. São 15 minutos girando a mais de 100 metros de altura, com paradas estratégicas para admirar a vista panorâmica que se esparrama debaixo dos nossos pés. Bons cliques de recordação valem o programa.

Zipline

Considerado como o circuito de *zipline* urbano mais longo de toda a América, com 365 metros de extensão, se encontra no Velho Porto, defronte ao rio Saint Laurent. São pouco mais de 30 segundos de emoção e adrenalina, onde você se

despenca e desliza de uma altura de cerca de 25 metros até alcançar a plataforma de chegada. A experiência custa pouco menos de U\$30.

Marche Bon Secours

Bem no centro do Velho Montreal se encontra o mercado mais antigo da cidade, onde hoje abriga bares, restaurantes e 15 boutiques que exibem vários objetos do artesanato indígena canadense. A arquitetura do prédio é belíssima e do terceiro andar é possível ter uma visão panorâmica sobre o rio e o Velho Porto.

Place Jacques Cartier

Para locais e visitantes, é um dos endereços mais em voga do Velho Montreal. A praça, que se estende até a Coluna de Nelson, outro ícone da cidade, é um ponto de encontro para pedestres e ciclistas. Emoldurada por dezenas de bares e restaurantes, o público se amontoa nos terraços para comer e beber. A poucas quadras se encontram o Velho Porto, museus e várias outras atrações.



Vista de cima da roda gigante



Fantasmagoria

Foto: Rafael Salvador

COMEMORAÇÕES DOS 110 ANOS DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO TÊM INÍCIO ESTE MÊS COM ÓPERA MULTIMÍDIA, PERCURSO SENSORIAL, ITINERÂNCIA LÍRICA E SÉRIE NO YOUTUBE

*A celebração do aniversário coincide com a retomada da temporada operística, após dois anos de interrupção. Com première no dia 10, *María de Buenos Aires* (1968), de Astor Piazzolla, ganha contexto atual na concepção do diretor Kiko Goifman, que convidou prostitutas para atuar nas récitas e vai utilizar projeções e técnicas de cinema ao vivo*

Um dos principais palcos e cartões postais da cidade de São Paulo celebra 110 anos neste mês. O aniversário do Theatro Municipal é no dia 12, mas as comemorações se estendem até o final do ano. Para o evento, foi elaborada uma programação com viés contemporâneo, buscando expor ao público a história do edifício e dos seus corpos artísticos, e que convida a refletir sobre a função e a vocação desse espaço em nossa sociedade.

É com o espírito aberto, de desejo de encontros, que o Theatro Municipal preparou uma programação especial para marcar o aniversário. Juntos, os seis corpos artísticos trabalharam na criação conjunta de um es-

petáculo-exposição, alusão ao acervo vivo, em montagem inédita que levará o público para um insólito percurso por ambientes do teatro normalmente não abertos ao visitante. A convite do Municipal, os artistas Daniela Thomas e Felipe Hirsch são os responsáveis por orquestrarem uma *Fantasmagoria Theatro Municipal de São Paulo*, que será tão dinâmica quanto o cotidiano do teatro, apresentando uma alternância de elenco e extratos de obras interpretadas.

A primeira ópera encenada desde a reabertura da casa é um tributo ao centenário de Astor Piazzolla e leva aos palcos a primeira montagem de cinema ao vivo no The-

Ópera *María de Buenos Aires*, Dannyele Cavalcante, coletivo DASPU

Foto: Ariel Bravo





Ópera *María de Buenos Aires*, Lua Negra, coletivo DASPU

Foto: Ariel Bravo

atro Municipal, uma ópera-cinema, com concepção e direção cênica de Kiko Goifman e direção musical do maestro da Orquestra Sinfônica Municipal, Roberto Minczuk. Em cena, músicos, bailarinos, artistas circenses e artistas-putas do coletivo DASPU se reúnem para compartilhar com o público a história de *María*, uma prostituta argentina no submundo portenho, que pode

ser facilmente transposto à realidade de muitas outras grandes cidades latino-americanas.

Para além do espaço do teatro, o Municipal dará início à circulação de suas produções por diferentes regiões de São Paulo. Este mês o projeto Cine-ópera, com projeção de importantes árias de óperas montadas no Municipal,

chegará ao extremo leste da capital: à Cidade Tiradentes, no Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes e ao bairro Guaianases, no CEU Jambeiro. A partir de outubro, começam as circulações dos corpos artísticos.



Fantasmagoria

Foto: Rafael Salvador

Ainda dentro das comemorações dos 110 anos, o Teatro Municipal desenvolveu um projeto com os carroceiros que trabalham na região central da cidade, na importantíssima função de reciclagem do lixo produzido diariamente. Apesar de circularem bastante pelo entorno, os carroceiros não frequentam o teatro e, portanto, desconhecem o que se passa dentro do prédio suntuoso. Em parceria com o *Pimp My Carroça*, movimento que mobiliza catadores da cidade de São Paulo, a ação fará um trabalho de introdução dos carroceiros e seus familiares ao universo do Municipal que culminará na customização de algumas carroças para levarem ópera às ruas por onde passam.

E finalmente, pensando sobretudo no público online, tem websérie documental *Theatro Municipal – Memória Viva de São Paulo*, com roteiro de Bruna Torres e direção de André Ferezini, abordando diferentes aspectos dos 110 anos do Teatro.

MARÍA DE BUENOS AIRES

No ano do centenário de Astor Piazzolla (1921-1992) e após quase dois anos sem montagens operísticas, o Teatro Municipal leva ao palco a história da prostituta María da Buenos Aires, uma ópera-tango com música do compositor e bandoneonista argentino e libreto de Horacio Ferrer, um dos grandes parceiros artísticos do músico. Nesta montagem, a concepção e direção cênica é de Kiko Goifman, diretor de cinema que assina sua primeira produção operística. A direção musical é de Roberto Minczuk, titular da Orquestra Sinfônica Municipal, que divide a regência com o maestro-assistente Alessandro Sangiorgi no comando do grupo.

Ao todo serão oito récitas, entre 10 e 19 de setembro. Em dias úteis, às 19h; aos sábados e domingos, às 17h.

FANTASMAGORIA

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Dirigida por Felipe Hirsch e Daniela Thomas, a instalação Fantasmagoria Theatro Municipal de São Paulo é uma experiência sensorial histórica e artística que vai levar o público a percorrer os diversos espaços do teatro por meio de um espetáculo-exposição-percurso. A visita guiada começa no saguão, passa pela escadaria, dirige-se ao balcão nobre e às suas varandas laterais, vai até Sala de Espetáculos, área dos bastidores e por fim, o palco e a área técnica, onde termina a jornada.

Para contar as histórias e representar os acontecimentos que marcaram seu tempo no icônico prédio centenário, nas curtas interpretações dos trajetos, artistas de todos os grupos artísticos do Theatro se revezam em apresentações performáticas, permeadas por projeções, e integrando a concepção cenográfica, peças do acervo do teatro, como partes de cenários, figurinos e adereços.

CARROÇAS LÍRICAS

Com intervenção artística idealizada pela equipe do Theatro em parceria com o movimento *Pimp my Carroça* e o coletivo *Bijari*, catadores de materiais recicláveis que circulam na cidade de São Paulo terão acesso ao universo da música lírica por meio de um processo de imersão com músicos do Theatro.

Três dos catadores que participarão do processo serão selecionados para participar da intervenção urbana e terão suas carroças reformadas; nelas também serão

instalados sistemas de som. Os catadores irão trabalhar o projeto artístico das carroças, com a colaboração do coletivo *Bijari* para circular pelas ruas da capital, de forma a preencher os espaços sonoros da urbe com música erudita. As intervenções acontecem a partir do dia 11, e no dia 20 uma das carroças “pimpadas” estará em exposição no interior do Theatro Municipal.

WEBSÉRIE ESPECIAL 110 ANOS

A série documental *Theatro Municipal – Memória Viva de São Paulo* narra a trajetória do Theatro Municipal, relatando seus primeiros espetáculos e ressaltando o seu compromisso com diferentes frentes artísticas como óperas, dança, teatro, música, e as artes plásticas. Com episódios mensais, começando em 23 de setembro, a websérie dirigida por André Ferezini, com roteiros de Bruna Torres, será dividida em quatro capítulos, com abordagens históricas.

Os episódios serão lançados nos canais oficiais do Theatro Municipal no YouTube e no Facebook e poderão ser assistidos pelo público em qualquer momento.

SERVIÇO

Bilheteria: Venda de ingressos exclusiva no site do Theatro Municipal de São Paulo

Endereço: Praça Ramos de Azevedo, s/nº, Sé próximo à estação de metrô Anhangabaú.

Mais informações em

<https://theatromunicipal.org.br/pt-br/theatro-municipal/>



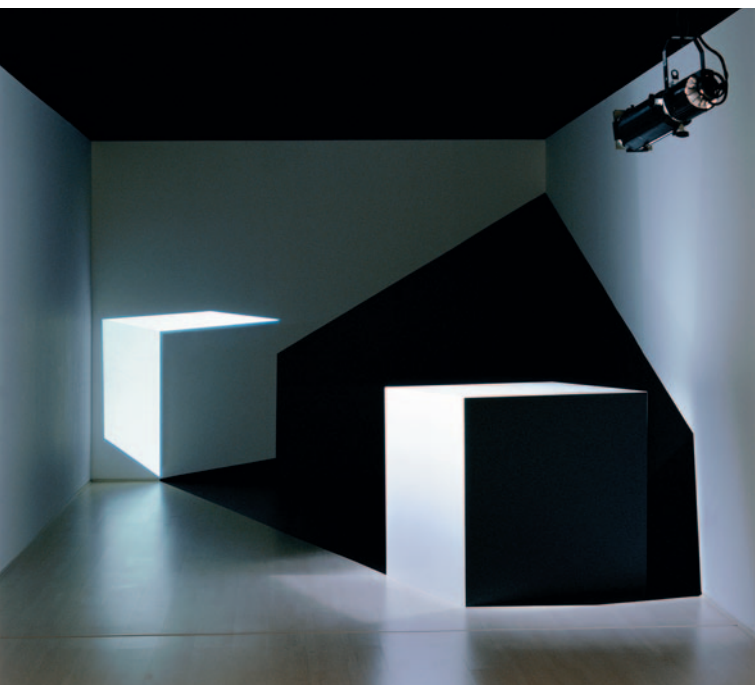
Uýra, série *Mil Quase Mortos*

Foto: Matheus Belém

BIENAL DE SÃO PAULO COMEMORA 70 ANOS DE HISTÓRIA

A data será celebrada com ações que incluem lançamento de podcast, publicação e curta-metragem. Artistas visuais, da televisão, da música e do cinema se juntam à comemoração com o envio de depoimentos em vídeo. Abertura da grande exposição coletiva no Parque do Ibirapuera acontece no dia 4

Com uma ampla gama de produtos, como podcast, publicações e documentário, a Fundação Bienal de São Paulo tem como objetivo contar as diversas histórias que envolvem a mostra – maior internacional de arte contemporânea do hemisfério sul e segunda mais antiga do mundo – sob diferentes perspectivas, com linguagens diversas e em suportes variados.



Regina Silveira, *Doublé*

Foto: João Musa

Desde a sua primeira edição, em 1951, foram produzidas 33 Bienais, com a participação de aproximadamente 140 países, 11.500 artistas ou coletivos, mais de 70 mil obras e 8,5 milhões de visitantes. A 34ª edição, intitulada “*Faz escuro mas eu canto*”, está em anda-

mento desde fevereiro de 2020 com uma programação ampliada e alcançará seu ápice a partir do dia 4, com a abertura da grande exposição coletiva no Pavilhão Ciccillo Matarazzo e de uma série de mostras na rede de instituições parceiras pela cidade de São Paulo.

Curada por Jacopo Crivelli Visconti, Paulo Miyada, Carla Zaccagnini, Francesco Stocchi e Ruth Estévez, a 34ª Bienal de São Paulo pretende reivindicar o direito à complexidade e à opacidade, tanto das expressões da arte e da cultura quanto das próprias identidades de sujeitos e grupos sociais. O ponto focal em que se articulam as múltiplas situações de encontro entre obras de arte e público que integram o projeto será a mostra coletiva que ocupará todo o Pavilhão da Bienal.

“– ‘Faz escuro mas eu canto’ é um verso do poeta amazonense Thiago de Mello, publicado em 1965. Por meio desse verso, reconhecemos a urgência dos problemas que desafiam a vida no mundo atual, enquanto reivindicamos a necessidade da arte como um campo de resistência, ruptura e transformação. Desde que encontramos esse verso, o breu que nos cerca foi se adensando: dos incêndios na Amazônia que escureceram o dia aos lutos e reclusões gerados pela pandemia, além das crises políticas, sociais, ambientais e econômicas que estavam em curso e ora se aprofundam. Ao longo desses meses de trabalho, rodeados por colapsos de toda ordem, nos perguntamos uma e outra vez quais formas de arte e de presença no mundo são agora pos-



síveis e necessárias. Em tempos escuros, quais são os cantos que não podemos seguir sem ouvir, e sem cantar? – diz o texto assinado pelos curadores no site da Bienal.



“O aniversário de 70 anos da Bienal de São Paulo é uma data de celebração para toda a cultura brasileira. A realização da 1ª Bienal, em 1951, mudou para sempre a relação do Brasil com a arte contemporânea e com o circuito internacional. Agora, 70 anos depois, queremos honrar esse legado, consolidando e disseminando essa memória para o público, tanto para aqueles apaixonados por arte e que têm acompanhado essa história, quanto para os que querem conhecer mais sobre a Bienal. Criamos projetos com diferentes parceiros de perfis diversificados, para contar a história das últimas sete décadas sob perspectivas plúrais e complementares”, afirma José Olympio da Veiga Pereira, presidente da Fundação Bienal de São Paulo.



A PROGRAMAÇÃO COMEMORATIVA

Todas as ações estarão disponíveis na nova página Bienal 70 anos do portal Bienal, que será constantemente atualizada. Além disso, o Instagram da Bienal, com mais de 270 mil seguidores, também vai contar a

De cima para baixo: Arjan Martins, *Atlântico*, Foto: Pepe Schettino; Belkis Ayón, *La Cena*, Foto: José A. Figueroa; Olivia Plender, *Hold Hold Fire*, still do vídeo



Claude Cahun, *Self portrait (in cupboard)*, Cortesia de Jersey Heritage

história da Bienal por meio de posts diários sobre cada um dos cartazes das 34 edições da mostra. Uma campanha de newsletters semanais trará os destaques dessas iniciativas para o público.

Por fim, as comemorações dos 70 anos de Bienais de São Paulo se estenderão até 2022, quando está previsto o lançamento de mais duas iniciativas: um livro de ensaios inéditos, comissionados para a publicação, com organização de Paulo Miyada, e um longa-metragem documental sobre a história da mostra dirigido por Carlos Nader e realizado em parceria com o Itaú Cultural.

SOBRE CADA UM DOS PROJETOS

Linha do Tempo da Bienal de São Paulo

Devido ao sucesso da primeira tiragem, a *Linha do Tempo da Bienal de São Paulo* foi revisada, ampliada e reimpressa em edição bilíngue para o aniversário de 70 anos da 1ª Bienal, chegando agora até a 33ª edição da mostra. Inicialmente publicada em 2012 como um projeto gráfico experimental em parceria com a Oficina Tipográfica São Paulo (Escola SENAI), a publicação reúne, de maneira sintética e de fácil consulta, os dados mais marcantes de cada edição da mostra, como número de obras, artistas e países participantes, título, equipe curatorial e uma breve sinopse, além do cartaz e vistas da exposição. Em formato de sanfona, a publicação se desdobra literalmente em uma linha de mais de quatro metros e meio, e o

leiaute da lâmina dedicada a cada edição do evento reproduz elementos da identidade visual daquela mostra, como a tipografia. *A Linha do tempo da Bienal de São Paulo* está à venda desde julho na Livraria Tra-versa, em suas lojas físicas e online.

Arquivo Histórico Wanda Svevo:

o passado em perpétua construção

Com participação do ator Lima Duarte como a voz de Ciccillo Matarazzo e com locução de Angela Dippe, o curta-metragem documental *Arquivo Histórico Wanda*



Lee 'Scratch' Perry, *Laptop from Black Ark*,
Cortesia de Swiss Institute New York



Mariana Caló e Francisco Queimadela,
Pino Invertido

Svevo: o passado em perpétua construção oferece um mergulho visual sobre o Arquivo Bienal e sua simbologia na história da Bienal de São Paulo. O vídeo é composto por imagens de arquivo, muitas delas jamais veiculadas, e filmagens in loco do Arquivo Bienal e do Pavilhão Ciccillo Matarazzo, além de uma entrevista com Ana Mattos, especialista em Gestão da Informação Digital e do Conhecimento e gerente do Arquivo Bienal desde 2013.

O curta dirigido por Danilo Komniski rememora a história da instituição sob o ponto de vista de seu arquivo, desde sua criação por Wanda Svevo até a profissionalização cada vez maior de suas práticas, o que permite, inclusive, que seja mobilizado por artistas participantes da Bienal de São Paulo em obras de arte,

como já fizeram Mabe Bethônico e Bruno Moreschi, entre outros.

Livro Bienal 70 anos

Com lançamento previsto para o primeiro semestre de 2022, a Fundação Bienal está produzindo um livro composto por crônicas e ensaios inéditos que se debruçam sobre momentos-chave da história da Bienal, capazes de refletir suas relações com a história e a cultura do Brasil e do mundo. A publicação contará com 30 textos comissionados de autores de diferentes perfis, como Thiago Gualberto, Lyz Parayzo, Claudio Bueno e João Simões, Veronica Stigger, Naine Terena e Fernanda Pitta, Michael Asbury e Clarissa Diniz. O livro tem a organização de Paulo Miyada, curador adjunto da 34ª Bienal de São Paulo e ganhador do 63º Prêmio Jabuti

(2020), no eixo *Ensaaios – arte*, com o livro *AI-5 50 ANOS – Ainda não terminou de acabar*.

Documentário Bienal 70 anos

Está em produção um documentário em média-metragem sobre a história da Bienal de São Paulo, com lançamento previsto para o primeiro semestre de 2022. Realizado em parceria com o Itaú Cultural, o filme é dirigido pelo documentarista brasileiro Carlos Nader, três vezes contemplado com o prêmio de melhor documentário do festival *É Tudo Verdade* (2008, 2014 e 2015).

Campanha Bienal: há 70 anos, você não sai você

Os 70 anos da Bienal de São Paulo foram feitos de pessoas e suas histórias. A campanha *Bienal: há 70 anos, você não sai você*, realizada pela agência de publicidade Tech & Soul, destaca por meio de depoimentos em vídeo o papel transformador da arte. Figuras tão diversas como as atrizes Mariana Ximenes e Angela Dippe, os artistas Enivo, Anna Maria Maiolino e Rodrigo Andrade, entre outros, uniram-se para parabenizar a Bienal por seus 70 anos de Bienais. Os vídeos serão veiculados semanalmente no Instagram da Bienal.

SERVIÇO

Fundação Bienal de São Paulo

Parque Ibirapuera – Portão 3

Pavilhão Cicillo Matarazzo – São Paulo/SP

Mais informações em <http://www.bienal.org.br/>



Victor Anicet, *Caravelle*

Foto: Jean-Baptiste Barret

Jota Mombaça e Musa Michelle Mattiuzzi,
Spell to Become Invisible, Foto: Caroline Lima



BOLO DE VINHO É SUGESTÃO DA *CHEF* CECÍLIA VICTORIO PARA AQUECER ESSES DIAS DE INVERNO

Além da bebida na massa, essa sugestão leva uma calda com maçãs



Foto: Divulgação

Com as temperaturas em queda, nada mais gostoso do que comer um bolo de frutas com sabor mais intenso, que é a cara da estação. Para deixar esses dias de inverno mais gostosos a *chef* Cecília Victorio ensina a preparar um Bolo de Vinho que leva maçãs e é perfumado com especiarias. Confira a receita.

BASE LÍQUIDA:

Ingredientes

250ml de vinho suave

100ml de água filtrada

2 colheres de sopa de açúcar

1 unidade pequena de canela em pau

- 5 unidades de cravo da Índia
- 2 rodela de laranja com casca sem sementes
- 3 maçãs Gala

Modo de preparo

Descasque as maçãs e corte em cubinhos. Reserve as cascas. Coloque todos os ingredientes numa panela, inclusive as cascas e as maçãs em cubo. Leve ao fogo para ferver. Quando abrir fervura, deixe por mais 2 minutos. Tire do fogo e deixe descansar por 1 hora. Retire as maçãs em cubos da mistura do vinho e reserve. Retire as cascas de laranja, a canela e os cravos e descarte. Bata no liquidificador por 2 minutos o restante do líquido do vinho com as cascas de maçã. Reserve essa base líquida que será usada na massa do bolo.

MASSA:

Ingredientes

- 4 ovos
- 1 xícara da base líquida
- 2 xícaras de açúcar refinado
- 150ml de óleo de milho
- 1 colher de chá ou 6g de corante bordô
- 2 ½ xícara de farinha de trigo
- 1 colher de sopa de fermento em pó

Modo de preparo

Bata no liquidificador por 2 minutos os ovos inteiros, a base líquida, o açúcar e o óleo. Transfira o líquido batido para uma tigela e acrescente o corante mexendo bem com um *fuê* para dissolvê-lo. Acrescente aos poucos a farinha e continue batendo até obter uma massa lisa, homogênea e colorida. Adicione as maçãs em cubos reservadas e misture. Por último, incorpore o fermento em pó mexendo delicadamente. Unte e en-

farinhe uma forma redonda de 20cm. Coloque toda a massa na forma e leve ao forno a 180°C por 45 minutos.

CALDA:

Ingredientes

- 350ml de vinho suave
- 150ml de água filtrada
- 2 colheres de sopa de açúcar
- 1 unidade pequena de canela em pau
- 5 unidades de cravos da Índia
- 2 rodela de laranja com casca sem sementes
- 2 maçãs Gala
- 1 colher de chá de amido de milho

Modo de preparo

Descasque as maçãs e corte em cubinhos. Reserve as cascas. Coloque todos os ingredientes acima numa panela, inclusive as cascas e as maçãs em cubos e leve ao fogo para ferver. Quando abrir fervura, deixe por mais 2 minutos. Retire do fogo e deixe descansar por 1 hora. Tire as maçãs em cubos da mistura do vinho e reserve. Retire as cascas de laranja, a canela e os cravos e descarte. Bata no liquidificador por 2 minutos o restante do líquido do vinho com as cascas de maçã que serão usadas para finalizar a calda. Coloque a base líquida numa panela, acrescente as maçãs em cubos, o amido e misture. Leve ao fogo, deixe cozinhar por 1 minuto até engrossar levemente. Após assado, espalhe a calda quente sobre o topo do bolo.

Instagram: [chefceciliavictorio](#)

Facebook: [chefceciliavictorio](#)



Adegas com móveis planejados: adega na sala, adega na cozinha e adega na varanda

10 MODELOS DE ADEGAS para se inspirar

Guardar as garrafas de vinho em um local adequado é a premissa básica para preservar e potencializar as características desta bebida que faz parte da cultura e economia brasileira.

Enquanto nas vinícolas e restaurantes mais refinados existem grandes adegas para manter os rótulos em condições ideais, em casa é possível garantir o armazenamento recomendado em adegas menores e eficazes.

As versões particulares das adegas devem obedecer aos mesmos princípios das profissionais: a bebida deve ficar longe de fontes de luz, em locais mais frios, na posição horizontal e em lugar onde não haja trepidações.

Para quem é apaixonado pela bebida, tem o hábito de colecionar garrafas e deseja desfrutar de todas as suas propriedades, a recomendação adicional é atentar-se à umidade do ar.

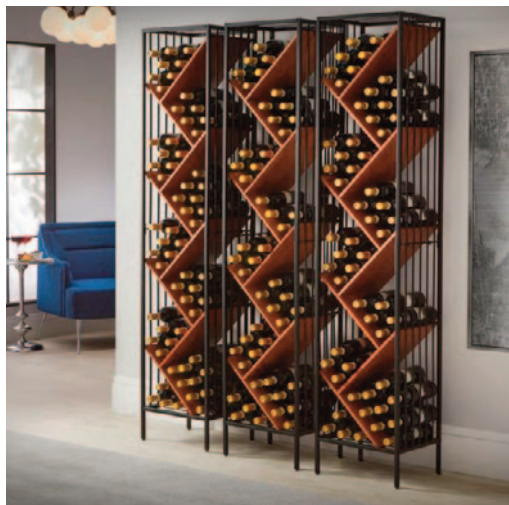
O ideal é que o vinho seja armazenado em ambientes com umidade relativa do ar acima de 65%, ou seja, nem muito secos, nem muito úmidos, para evitar o ressecamento ou mofo na rolha.

ADEGAS EM MÓVEIS PLANEJADOS

Separar uma área para as garrafas em móveis planejados é uma estratégia interessante para quem sempre quer ter alguns exemplares em casa.

MÓVEIS COM ADEGAS

O mercado de móveis conta com uma variedade de opções para quem deseja guardar seus vinhos da melhor maneira, desde móveis pensados justamente para esse fim e opções que cumprem múltiplas funções.



Estante



Carrinho de bebidas



Aparador



Nicho

EM ESPAÇOS DEDICADOS

Quem possui espaço disponível em casa pode construir um local dedicado ao vinho e outras atividades.



Bar



Wube room



Adega

ADEGAS CLIMATIZADAS

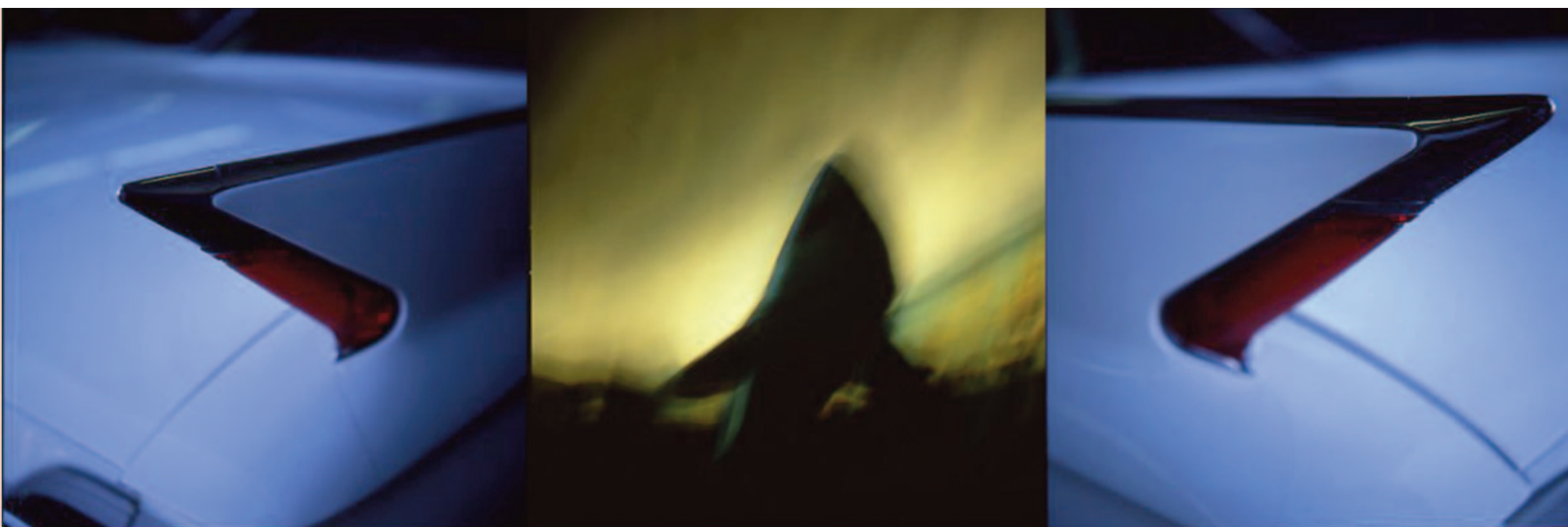
As adegas climatizadas garantem as melhores temperaturas e condições de umidade para os vinhos, ideais para armazenar poucas ou muitas garrafas. É só tirá-las do equipamento e consumir. Brastemp, Eletrolux, Philco, Oster e Britânia são as marcas mais conhecidas

de adegas climatizadas para residências. Os preços variam de acordo com as características do modelo e a capacidade de armazenamento de cada uma. Em média, adegas de 12 e 24 garrafas têm preços entre R\$ 800 e R\$ 2,5 mil.

ARTRIO

11^a EDIÇÃO DO EVENTO ACONTECE DE 8 A 12 NA MARINA DA GLÓRIA

Seguindo o modelo de sucesso realizado no ano passado, a feira terá edição presencial, na Marina da Glória, e também formato virtual dentro da plataforma [ArtRio.com](https://www.artrio.com)



Miguel Rio Branco, *Sharks Tale*, fotografia, Galeria Clima



A.P.N. Aliança Periférica Nacional, #2 Desali,
Galeria Athena

Foto: Divulgação



André Vargas, A língua como um estandarte,
Portasvilaseca Galeria

Foto: Divulgação

“Em 2020, conseguimos fazer um evento totalmente adequado e seguro para o momento que estávamos vivendo. Uma série de medidas foram tomadas e tivemos absoluta cooperação de todos os envolvidos. Foi um marco na retomada do mercado presencial do segmento de arte e alcançamos um número de vendas 20% superior a 2019. Agora em 2021, com os bons resultados alcançados pelo plano de vacinação da cidade do Rio de Janeiro, e também de todo o país, estamos ainda mais confiantes”, reforça Brenda Valansi, presidente da ArtRio.

A Feira tem um forte compromisso com a divulgação da arte brasileira, do trabalho de galerias e artistas. Ao longo do último ano, a ArtRio atuou de forma incessante na comunicação de notícias relacionadas ao mundo da arte, com a produção de importante conteúdo publicado em seu site, cobertura de eventos como exposições e mostras, e forte atuação nas redes sociais.

“Ter eventos presenciais é de extrema importância nesse segmento, onde valorizamos muito ver a obra de perto, conversar com o artista, e estimular diferentes

emoções. Ao mesmo tempo, foi um período que entendemos melhor o alcance, a dimensão e as inúmeras possibilidades da atuação digital. A ArtRio online recebeu em uma semana, em 2020, mais de 300 mil pageviews, incluindo visitantes de Estados Unidos, Reino Unido, França, Espanha e Portugal. Foi possível, ainda, ter uma extensa agenda de debates e visitas guiadas online, com a participação de grandes nomes como Ai Wei Wei, Beatriz Milhazes e Ella Cisneros”, completa Brenda Valansi.

As galerias participantes do evento em 2021 foram selecionadas pelo Comitê Curatorial, formado pelos galeristas Alexandre Roesler (Galeria Nara Roesler), Antonia Bergamin (antes diretora da Galeria Bergamin & Gomide), Filipe Masini e Eduardo Masini (Galeria

Athena), Gustavo Rebello (Gustavo Rebello Arte), e Juliana Cintra (Silvia Cintra + Box 4).

As galerias estão divididas em dois programas:

PANORAMA

Participam galerias com atuação estabelecida no mercado de arte moderna e contemporânea.

VISTA

Programa dedicado às galerias jovens, com até 10 anos de existência, contando com projetos expositivos desenvolvidos exclusivamente para a feira.

Para o evento presencial, ocupando o pavilhão principal da Marina da Gloria, a ArtRio seguirá todos os proto-



Tadaskia, *A dançarina um e a dançarina dois*, Sé Galeria Foto: Divulgação

colos de segurança indicados pelos órgãos competentes, incluindo a exigência do uso de máscara, a disponibilização de álcool gel e o distanciamento social.

O número de visitantes também será limitado, com indicação de horário de entrada e tempo de permanência.

ARTRIO ONLINE

A plataforma online da ArtRio vai transmitir toda a agenda de palestras, conversas entre artistas e curadores e visitas guiadas a coleções e ateliês. Também será possível fazer a visita virtual aos estandes das galerias participantes, vendo a seleção de obras e falando diretamente com os galeristas.

A ArtRio foi a primeira feira de arte do mundo a lançar, ainda em 2018, um *marketplace* para venda online.

Segundo o relatório “*The Art Market 2021 – Art Basel and UBS*”, a pandemia alavancou a venda de arte nas plataformas online. Com a maioria das feiras presenciais suspensas e muitas galerias fechadas no mundo inteiro, a venda online representou 25% do total negociado no mercado em 2020. As vendas pela internet somaram US\$ 12,4 bilhões, dobrando o valor registrado em 2019.

SERVIÇO

9 a 12 de setembro (quinta-feira a domingo)

Preview – 8 de setembro (quarta-feira)

Local: Marina da Glória - Av. Infante Dom Henrique, S/N – Glória

Mais informações: www.artrio.com



Iván Argote, *Sin tiempo, sin miedo*,
Vermelho Galeria Foto: Divulgação

José Dávila, *Paisagem Fragmentada*,
Carbono Galeria Foto: Divulgação



MASP INAUGURA QUATRO EXPOSIÇÕES: MARIA MARTINS, GERTRUDES ALTSCHUL, ZAHY GUAJAJARA E OBRAS DOADAS RECENTEMENTE AO MUSEU

Maria Martins: desejo imaginante, no 1º andar, traz 45 esculturas, gravuras, desenhos e pinturas produzidas entre as décadas de 1940 e 1950, além de documentos, publicações e fotografias que narram a trajetória de vida desta que foi uma das mais instigantes escultoras brasileiras. A curadoria é de Isabella Rjeille, curadora do museu. Fruto de uma parceria com a Casa Roberto Marinho, a exposição será exibida na instituição carioca no ano que vem, com inauguração prevista para 12 de março, permanecendo até 26 de junho. No Rio, contará com a apresentação de Fernanda Lopes, curadora adjunta deste projeto.

No 1º subsolo, *Gertrudes Altschul: filigrana*, com 64 fotografias em ampliações vintage, que cobrem os curtos, mas frutíferos dez anos de produção da artista, que atuou de 1952 a 1962. Uma das principais fotógrafas que atuaram no Brasil, Altschul foi uma das poucas integrantes mulheres do *Foto Cine Clube Bandeirante*. A curadoria é assinada por Adriano Pedrosa, diretor artístico no museu, e Tomás Toledo, curador-chefe na instituição.

Também no 1º subsolo, o público poderá conferir *Acervo em Transformação: doações recentes*. Com curadoria de Adriano Pedrosa, diretor artístico no MASP, e

Amanda Carneiro, curadora assistente na instituição, a exposição reúne 14 obras de artistas incorporadas à coleção do museu entre 2020 e 2021, e expressa o trabalho contínuo que têm sido feito com o objetivo de fortalecer a presença de mulheres no acervo.

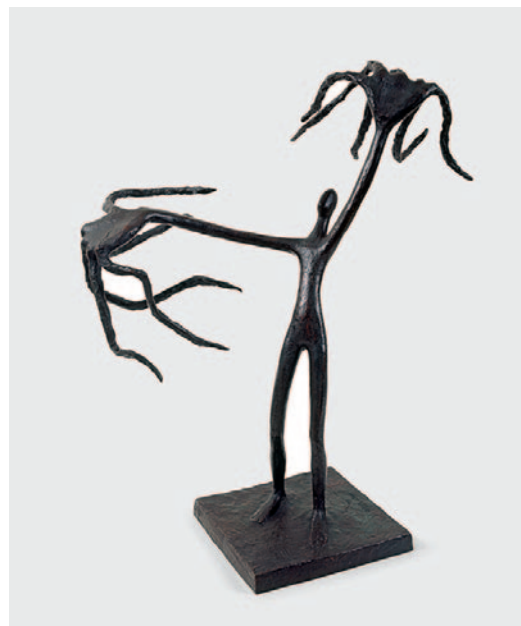
Por fim, no 2º subsolo, o museu inaugura a *Sala de vídeo: Zahy Guajajara*, cuja curadoria é de Adriano Pedrosa. Na ocasião, serão apresentados dois trabalhos da artista: *Aiku'è (R-existo)*, 2017, e *Pytuhem: Uma carta em defesa dos guardiões da floresta*, 2020. Zahy Guajajara é uma mulher indígena, multiartista, nascida na aldeia Colônia, na reserva indígena Cana Brava, no Maranhão.

MARIA MARTINS

Em cartaz até 30.1.22, a exposição *Maria Martins: desejo imaginante* e sua respectiva publicação são as mais amplas organizadas sobre a artista, buscando reposicionar Martins na história da arte brasileira e internacional.

Neste ano, o museu, guiado pelo tema das Histórias brasileiras, terá exposições exclusivamente de artistas mulheres.

A mostra *Maria Martins: desejo imaginante* é dividida em cinco núcleos – *Imaginários amazônicos*, *Como uma liana*, *Por muito tempo acreditei ter sonhado que era livre*, *Duplos impossíveis* e *Mitologias pessoais* – que abordam como a artista articulou os diversos imaginários acerca do Brasil e dos trópicos ao longo de sua produção — um lugar reivindicado, reafirmado e reinventando por ela.



Maria Martins, *Prometeus I*, Coleção Luis Paulo Montenegro

Foto: Vicente de Mello

ARTISTA, ARTICULADORA E ESCRITORA

Martins foi ainda uma figura central na internacionalização da arte brasileira e exerceu um importante papel de articuladora para as instituições de arte que se modernizavam no Brasil. Envolveu-se, por exemplo, na viabilização das primeiras edições da Bienal de São Paulo e na aquisição de importantes obras para o acervo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), onde atuou como conselheira.

A artista também se dedicou à escrita. Ainda em vida, publicou os livros *Ásia maior: o planeta China* (1958) – ela foi a primeira latino-americana a entrevistar o líder comunista e revolucionário chinês Mao Tsé-Tung (1893-1976)

– *Ásia maior: Brama, Gandhi e Nehru* (1961) e *Deuses malditos I: Nietzsche* (1965), além de manter a coluna *Poeira da Vida* no jornal carioca *Correio da Manhã*.

GERTRUDES ALTSCHUL

Em cartaz até 30.01.2022. O MASP possui 12 fotografias vintage de Altschul que estarão na exposição, assim como o MoMa, que também tem 12 trabalhos da artista em seu acervo.

Gertrudes Altschul foi uma figura pioneira no contexto da fotografia modernista brasileira: fotógrafa mulher em uma época em que as câmeras portáteis começavam a se popularizar e em um cenário ainda dominado por homens.



Gertrudes Altschul, *Filigrana*, Comodato MASP Foto Cine Clube Bandeirante
Foto: Eduardo Ortega

Embora bastante reconhecida no meio fotográfico do país, sua obra permanece celebrada apenas em círculos especializados, sendo raramente publicada e exibida. Ela integrou o *Foto Cine Clube Bandeirante (FCCB)*, que gestou a primeira leva de fotógrafos modernos em São Paulo, fundadores da chamada *Escola Paulista*, da qual foi uma das principais expoentes.

A produção fotográfica de Altschul estava bastante alinhada com a linguagem da fotografia moderna brasileira, que procurava quebrar os princípios clássicos de composição, explorando aspectos geométricos e abstratos das imagens e fazendo experimentações com jogos de luz, sombra, linhas, ritmos e planos. Os temas principais de suas fotografias eram a arquitetura moderna brasileira e motivos botânicos, principalmente as folhas (uma relação direta com seu trabalho para chapelaria).

Zahy Guajajara

Até 28.11.2021, a *Sala de vídeo: Zahy Guajajara* apresenta dois trabalhos da artista: *Aiku'è (R-existo)*, 2017, e *Pytuhem: Uma carta em defesa dos guardiões da floresta*, 2020.

Zahy Guajajara é uma mulher indígena, multiartista, nascida na aldeia Colônia, na reserva indígena Cana Brava, no Maranhão. Filha da pajé Elzira, e de Seu Quinca, mestiço. Do povo Tenetehara-Guajajara, tem o Ze'eng eté, dialeto do tronco tupi-guarani, como sua primeira língua.

Na televisão, trabalhou na minissérie “Dois Irmãos”, da TV Globo; no cinema, participou do filme “Não devore meu coração” e, no teatro, atuou em “Macunaíma – Uma rapsódia musical”. Seu trabalho mais recente como atriz foi em “Guerra em Iperoig” (2020), da Companhia de Teatro Mundana. Hoje, está em processo como co-diretora em uma adaptação de “Macunaíma” para o cinema.

Em 2017, destacou-se com o vídeo *Aiku'è (R-existo)*, desenvolvido no contexto da exposição *Dja Guata Porã*, realizada no Museu de Arte do Rio (MAR), entre 2017 e



Zahy Guajajara, *Aiku'è (R-existo)*

Foto: Still

2018, sobre a história do estado do Rio como história indígena. Uma das curadoras da mostra foi Sandra Benites, atualmente curadora-adjunta de arte brasileira no MASP.

Em 2020, durante o período de quarentena no Rio de Janeiro, Villas Boas dirigiu Zahy na performance

Pytuem: uma carta em defesa dos guardiões da floresta, exibida em festivais europeus de teatro online, entre os quais *Festival Grec*, *Tanz im August* e *Festival La Citè*. Uma versão reduzida do projeto foi selecionada pelo edital do Itaú Cultural, e está disponível online.

ACERVO EM TRANSFORMAÇÃO: DOAÇÕES RECENTES

Até 6.2.2022, o Museu de Arte de São Paulo inaugura a mostra *Acervo em transformação: doações recentes*. A exposição expressa o trabalho contínuo que têm sido feito com o objetivo de fortalecer a presença de mulheres no acervo. Em 2019, por exemplo, o MASP adquiriu 296 trabalhos de 21 artistas contemporâneas, um coletivo e artistas do século XIX.

As artistas – Carmézia Emiliano, Duhigó Tukano, Eleonore Koch, Habuba Farah Ricetti, Hulda Guzmán, Ione Saldanha, Jandyra Waters, Karin Lambrecht, Laura Lima, Madalena dos Santos Reinbolt, Maria Auxiliadora da Silva, Rosana Paulino e Wanda Pimentel – terão todas as obras acompanhadas de legendas expandidas, com contextualização dos trabalhos.

Acervo em transformação: doações recentes é uma pequena mostra dentro de um conjunto maior, que pode ser visto de maneira ampliada no 2º andar do museu. Nota-se a variedade de temas e abordagens nos trabalhos expostos, revelando a pluralidade da produção de artistas mulheres que, vinculadas aqui em torno de gênero, ampliam visões universalizantes de suas potências criativas.

SERVIÇO

MARIA MARTINS: DESEJO IMAGINANTE

Até 30.1.22

GERTRUDES ALTSCHUL: FILIGRANA

Até 30.1.22

SALA DE VÍDEO: ZAHY GUAJAJARA

Até 28.11.21

ACERVO EM TRANSFORMAÇÃO: DOAÇÕES RECENTES

Até 6.2.22

Endereço: Avenida Paulista, 1578, São Paulo, SP

Horários: terça, das 10h às 18h, quarta a sexta, das 12h às 18h; sábado e domingo, das 10h às 18h; fechado às segundas (horários sujeitos à alteração).

Agendamento online obrigatório pelo link

masp.org.br/ingressos

Mais Informações em www.masp.org.br



Hulda Guzmán, *Come Dance – Asked Nature Kindly (Venha dançar – perguntou a natureza gentilmente)*, Acervo Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, Doação Rose Setubal e Alfredo Setubal, no contexto da exposição Histórias da dança

Foto: Cortesia da artista e Alexander Berggruen;

Maria Auxiliadora da Silva, *Sem título*, Acervo Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, Doação Teresa Bracher, no contexto da exposição Histórias da dança

Foto: João Liberato

“LYGIA CLARK (1920-1988) 100 ANOS”



Bicho, 1960

Foto: Jaime Acioli

Na celebração do centenário de uma das mais importantes artistas do século XX, a Pinakothke Cultural, Rio de Janeiro, exibe mostra com obras inéditas de Lygia Clark. Publicação com textos de críticos que seguiram de perto a trajetória da artista completa a homenagem

Com curadoria de Max Perlingeiro, *“O Mundo de Lygia Clark”* reúne aproximadamente 100 obras da artista, entre pinturas, desenhos, gravuras, bichos, trepantes, obra mole, casulo, objetos relacionais, fotografias e documentos, em sua grande maioria inéditas ao público brasileiro. A exposição fica em cartaz até 9 de outubro.

A mostra obedecerá a uma cronologia, dividida em 17 ordens conceituais que compõem a trajetória de Lygia Clark: *“Escadas”* (1947), *“Kleomania”* (1952), *“Quebra da Moldura”* (1954), *“Linha Orgânica”* (1954), *“Arte/Arquitetura”* (1955), *“Superfície modulada”* (1955-1956), *“Planos em superfície modulada Série A”* (1957), *“Planos em superfície modulada Série B”* (1958), *“Espaço modulado”* (1958), *“Unidade”* (1958), *“Ovo linear”* (1958), *“Contra relevo”* (1959), *“Casulo”* (1959),

“Bicho” (1960-1964), *“Obra mole”* (1964), *“Trepante”* (1965) e *“Objetos relacionais”* (1968-1973).



Composição, cerca de 1952

Foto: Divulgação

Para cada uma desses segmentos o espectador poderá seguir textos de parede escritos pelo crítico Paulo Herkenhoff, que auxiliam a compreensão e a evolução do pensamento da artista e suas criações.

A exposição em comemoração do centenário da artista conta ainda com o ensaio fotográfico feito por Alécio de Andrade (1938-2003) da performance *“Arquiteturas biológicas II”*, que Lygia Clark criou em 1969 no Hôtel d'Aumont, em Paris.

LIVRO BILÍNGUE, COM TEXTOS INÉDITOS

Acompanha a mostra o livro bilíngue (português/inglês)

homônimo *“Lygia Clark (1920-1988) 100 anos”*, com textos críticos inéditos, imagens e informações sobre as obras, uma seleção da correspondência pessoal entre Lygia e amigos artistas e intelectuais, fatos relevantes que marcaram a sua relação com o Rio de Janeiro entre abril de 1947 a abril de 1988, e uma cronologia resumida atualizada.

FILME “MEMÓRIA DO CORPO”

Na exposição é exibido em modo contínuo o filme *“Memória do Corpo”* (1984, 30’), com direção de Mário Carneiro, que registrou a última proposta desenhada pela artista, a *“Estruturação do Self”*.

SOBRE LYGIA CLARK

Desde as suas primeiras exposições no Brasil, Lygia Clark teve a admiração e estímulo de importantes críticos de arte como Ferreira Gullar (1930-2016) e Mário Pedrosa (1900-1981). Participou da *1ª Exposição Nacional de Arte Concreta* (1956-57) e em 1959 foi signatária do *Manifesto Neoconcreto*.

Sua arte rompeu fronteiras, e a partir de 1965, com suas participações na *Signals Gallery*, em Londres, tem no crítico de arte Guy Brett (1942-2021) um de seus mais fervorosos admiradores a partir de então. Suas obras estão em importantes coleções públicas e privadas, e são vistas em exposições em vários países, como na Fundação Antonie Tàpies, Barcelona, Espanha, em 1998, e mais recentemente "Lygia Clark: The Abandonment



Painel de pastilhas na entrada do edifício Mira Mar, na Avenida Atlântica, 3.992, Copacabana / RJ.

Foto: Divulgação

of Art, 1948–1988”, no MoMA de Nova York, e *“A pintura como campo experimental, 1948-1958”*, no Guggenheim Bilbao, com curadoria da peruana Geaninne Gutiérrez-Guimarães, e foco nas obras da primeira fase da artista.

SERVIÇO

Exposição Lygia Clark (1920-1988) 100 anos

Até 9 de outubro de 2021

Pinakothek Cultural - Rio de Janeiro

Rua São Clemente 300, Botafogo

22260-004 – Rio de Janeiro - RJ

Entrada gratuita

Segunda a sexta-feira, das 10h às 18h, sábados, das 10h às 17h

Visitação por agendamento prévio pelo e-mail

agendamento@pinakothek.com.br

ou WhatsApp: [+5521.97629-9683](tel:+5521.97629-9683)

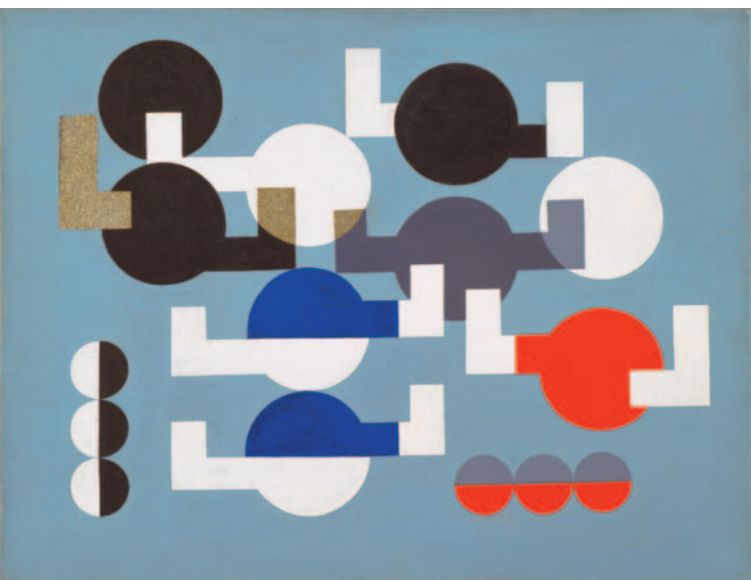
A GENIALIDADE DE SOPHIE TAEUBER-ARP FINALMENTE REVERENCIADA NO MUNDO DA ARTE

Maria Hermínia Donato

Depois de quase 80 anos, Sophie Taeuber-Arp recebe seu devido reconhecimento. A mostra da artista, que está na Galeria Tate Modern até outubro, veio do Kunstmuseum de Basel, Suíça, e seguirá em novembro para o MOMA, em Nova Iorque. É mais uma exposição de artista feminina cujo legado vai preencher as falhas nas lacunas da história da arte.

*Vase Bearer (Portador de vaso), c. 1916-25,
Coleção privada*





Composition of Circles and Overlapping Angles (Composição de Círculos e Ângulos Sobrepostos), 1930
 The Museum of Modern Art, New York. The Riklis Collection of McCrory Corporation

Foto: The Museum of Modern Art, Department of Imaging and Visual Resources
 © 2019 Artists Rights Society (ARS), New York / VG Bild-Kunst, Bonn



Flight: Round Relief in Three Heights (Voo: Redondo Alívio em Três Alturas), Stiftung Arp e.V., Berlin

Meu primeiro contato com Sophie Taeuber-Arp foi na exposição de Jean Harp no *Turner Contemporary* de Margate, cidade litorânea da Inglaterra, quando soube que Arp, marido de Sophie, inconsolável com sua morte, rasgou algumas obras da artista para formar novas colagens a partir dos fragmentos, estendendo seu espírito através do ato de criação.

O poder de criação de Sophie Taeuber-Arp, considerada uma das principais artistas e designers do século XX, e uma das mais importantes figuras da arte abstrata e concreta, com importantes participações nos *Movimentos Dada* na Suíça (movimento que desviou o racionalismo e as convenções que os artista acreditavam ter conduzido à guerra), surge na vasta produção de sua obra de forma única, realizada com um alto nível de qualidade nas áreas de design, têxtil, pintura, escultura, vestuário, arquitetura, teatro, dança e performance.

Um filme nos apresenta Sophie no começo da exposição, revelando sua trajetória nas diferentes etapas de sua vida. Ela nasceu em 1889 em Davos, Suíça. Estudou em escolas que promoviam a inter-relação de artes aplicadas e plásticas, nas cidades de St. Gallen, Munique e Hamburgo, onde formou-se em artes.

Estudou dança com Rudolf von Laban – maior teórico de dança do século XX – e Mary Wigman, coreógrafa alemã, uma das fundadoras da dança expressionista, e trabalhou no departamento de formas da escola de



Stag (marionette for 'King Stag') (Veado, marionete para 'Rei Veado') 1918

Museum für Gestaltung, Zürcher Hochschule der Künste, Zurich, Decorative Arts Collection

dança expressionista em Zurique, cidade onde por treze anos foi professora na Escola de Artes e Ofício.

A artista começou a produzir obras não representativas em papel, muitas vezes usado como design para seus tecidos, bordados e até fantasias. Esses trabalhos foram influenciados por sua formação em design têxtil e marcaram o início de uma carreira extraordinariamente diversificada.

Sophie Taeuber-Arp tem um papel importante no *avant-garde* do século XX, com uma linguagem universal, pessoal e intuitiva, mostrando uma grande habilidade na composição de suas obras. Os princípios do trabalho têxtil são a base da sua prática: padrão, proporção, racionalidade da linha.

Os primeiros desenhos em papel, composições vertical-horizontais em guaches com representações geométricas usados como modelo para aplicação têxtil, mostram o início da transdisciplinaridade de Taeuber-Arp, o uso de transferências inventivas de uma mídia para outra e seu foco na abstração geométrica.



Geometric Forms (necklace)

Formas geométricas (colar), c. 1918

Museum für Gestaltung, Zürcher Hochschule der Künste, Zurich, Decorative Arts Collection

Ela refuta a divisão entre as artes aplicadas e plásticas, fronteira que era comum na sua época e que continua até hoje. Seu trabalho foi reconhecido depois da Segunda Guerra Mundial, sendo a única mulher com imagem representada na nota de francos suíços.

Interessada na interação de geometria e cor, e seu potencial para embelezar a vida cotidiana, Taeuber-Arp diz em uma publicação: *"o impulso decorativo intrínseco não deve ser erradicado, é um dos impulsos primordiais profundamente enraizados na humanidade."*

Visitando uma exposição em Zurique, ela conhece seu marido, o poeta e artista Jean Arp. Na época, a cidade era um centro de artistas, poetas, designers vanguardistas e berço do Dadaísmo no Cabaret Voltaire, um lugar para manifestações artísticas e políticas. O movimento desconsidera a veneração burguesa do artista individual, removendo a mão que cria arte e também faz a guerra por uma mão universal.

Taeuber-Arp desenha marionetes e cenários para o musical *Rei Veado (King Stag)*, do veneziano Carlo Gozzi, século XVIII. Seu conhecimento tátil e sua experiência como dançarina foram muito úteis para a criação inovadora da figura do Guarda. Ele era uma única pessoa e um exército inteiro, representado pela duplicação de armas e possibilidades de movimento. A artista construiu os marionetes usando variações de formas geométricas associadas ao Dadaísmo e Construtivismo.

As *Cabeças Dada* criadas por Sophie em 1920 são vistas como um manifesto. Elas flutuam entre artesanato e objeto *avant-garde*, dissolvendo assim a linha entre o artesanato e as artes plásticas. As cabeças abstratas são consideradas obras Dada essenciais. Como os únicos objetos escultóricos do movimento elas se tornam um ícone. Taeuber-Arp fez projetos de arquitetura e design de interiores e na reforma do Café Aubette em Estrasburgo, em colaboração com Arp e o artista Theo van Doesburgh (fundador do *De Stijl*). Esta experiência lhe permitiu testar os efeitos de forma e cor em grandes superfícies, usando um processo de concentração e redução do retângulo e do quadrado. Aubette foi batizada como a capela sistina da arte abstrata.

Com o sucesso de seu trabalho, ela deixou de dar aulas e promoveu uma mudança na sua arte e na sua vida, com a ida para Paris, em 1928. Sophie Taeuber-Arp participou dos grupos de artistas *Cercle et Carré e Abstraction-Création*, e editou a revista *Constructivist Plastique / Plastic*.

Suas pinturas com formas básicas, círculo, quadrado e retângulo em cores primárias e fundos monocromáticos evocam movimento e equilíbrio. Os trabalhos representando formas geométricas em tapeçaria, bordados, rendas, bolsas, colares, vitrais são prolíferos e perfeitos.

Para fugir da guerra, o casal Taeuber e Arp pediu asilo nos Estados Unidos. O pedido foi negado e os dois viajaram de volta para a Suíça, em 1942. Sophie Taeuber-

Arp morreu de envenenamento por monóxido de carbono em 1943 na casa de Max Bill, um dos mais importantes e influentes designers do século XX.

Apesar do seu sucesso artístico e comercial, sua presença na coleção de museus e exposições importantes e seu papel pioneiro na Arte Concreta e Contrutivismo Taeluber-Arp foi esquecida. Porque?

Algumas razões para sua obscuridade:

Sua morte prematura.

Para ter reconhecimento como artista era preciso trabalhar em óleo sobre tela.

Suas obras em artes aplicadas são excluídas do catálogo *raisonné* feito depois de sua morte.

Sua vida foi ofuscada pelo marido Jean Arp que, depois de sua morte, exagerou ao dizer que sua esposa era uma sonhadora que fazia tudo intuitivamente.

Foi colocada à margem quando produziu uma série de desenhos colaborativos, junto a Alberto Magnelli, Sônia Delaunay e ao seu marido Jean, publicados em Paris em 1950, que ficaram conhecidos como *Álbum Grasse*. Essa situação foi também vivida por várias artistas cujos companheiros também eram artistas. O machismo fez com que o trabalho delas fosse diminuído em relação ao deles.

Considerando, Sophie Taeluber-Arp produziu trabalhos em diferentes mídias de alta qualidade e seus projetos de arquitetura permitiram que o casal tivesse uma boa

situação financeira. Sonhadora e intuitiva? Não necessariamente, eu diria.

Que outras mulheres, como Sophie Taeluber-Arp, possam ter exposições que exaltem sua importância na História da Arte.

“Somente quando entrarmos em nós mesmos e tentarmos ser inteiramente verdadeiros conosco, teremos sucesso para fazer coisas de valor, coisas vivas, e desta forma ajudar a desenvolver um novo estilo que é adequado para nós”. Sophie Taeluber-Arp, 1922,



Colored Gradation (Gradação colorida), 1939
Kunstmuseum Bern. Gift of Marguerite Arp-Hagenbach

Oxigene seu negócio.
Aqui você só encontra notícias boas.
Revista mensal, online e gratuita.

OXIGÊNIO
revista

SOLICITE NOSSO MÍDIA KIT
oxigeniorevistabr@gmail.com